

## ELEIÇÕES DO ANDES-SN

### Duas chapas disputarão direção do ANDES-SN



#### CHAPA “ANDES AUTÔNOMA E DEMOCRÁTICA”

PRESIDENTE: Marina Barbosa Pinto, ADUFF S.SIND.  
SECRETÁRIO-GERAL: Márcio Antônio de Oliveira, APES-JF S.SIND  
1º TESOUREIRO: Hélio Alexandre Mariano, ADUNICENTRO S.SIND



#### CHAPA “ANDES PARA OS PROFESSORES”

PRESIDENTE: Flávio Borges Botelho Filho, ADUNB S.SIND.  
SECRETÁRIO-GERAL: José Audísio Costa, ADUFEPE S.SIND  
1º TESOUREIRO: Carlos Alberto Eilert, ADUFMAT S.SIND

### Grupos mistos antecipam discussões au irão ao plenário

A interação entre os docentes durante os dias de atividades dos grupos mistos mostrou-se rica com a proposição de sugestões para o Plano de Lutas da categoria e o debate sobre as Questões Organizativas e Financeiras do ANDES-SN. As discussões prosseguiram nos pavilhões B, C e D do campus básico da Universidade Federal do Pará, com a análise dos textos de resolução a serem submetidos nas próximas plenárias.

Para o docente Luiz Cláudio Duarte, da ADUFF S.Sind., uma das expectativas quanto ao Plano de Lutas é que as novas diretrizes mantenham um sindicato híbrido, que todas as decisões tomadas durante o Congresso cheguem até a base e assim norteiem as ações nas seções sindicais de forma mais concreta.

“Que as bandeiras se transformem em ação”, é o que defendeu Luiz Cláudio, bastante entusiasmado com os trabalhos. Para ele, é fundamental a maior aproximação das seções com as bases em um momento

em que a categoria enfrenta uma disputa com forças contrárias, inclusive o recuo ideológico dos professores.

Filiada à ADUFPR S.Sind., Eva Dalmolin, aponta a carreira docente como um dos pontos primordiais a serem lembrados no Plano de Lutas. Ela só lamentou não ter havido tempo hábil para melhor debater a pauta de discussões. Eva apoia a ideia de que o novo docente deve iniciar a sua carreira e somente alcançar o topo depois de ganhar experiência com anos de exercício da profissão.

“Sou absolutamente contrária às alterações que o governo federal quer fazer na carreira docente. É mais uma forma para nos confundir. Afirma que não tem nenhum modelo de carreira proposta, mas o ANDES-SN está trabalhando. Temos de ver a melhor forma de articulação”, aposta Dalmolin.

A discussão prévia entre os docentes é fundamental para a realização de uma boa plenária, na opinião do docente Luis Seixas, da ADUFOP S.Sind.. Ele acredita ser um

momento propício para a melhor expressão individual dos professores, mesmo diante de uma pauta extensa e que exige tempo para discuti-la. Quanto ao Plano de Lutas, uma de suas preocupações é que seja possível dar continuidade ao que foi definido durante os debates sobre centralidade de luta.

“Houve uma discussão bastante estimulante durante a primeira plenária, então, a minha preocupação é que de alguma maneira haja o desdobramento desse tema e não se perca essa conduta”, disse.

Confiante nos bons resultados dos trabalhos está o professor Marcelo Bronosky, do SINDUEPG-PR S.Sind. Ele participou da reunião dos grupos mistos sobre o Plano de Lutas – Setores no penúltimo dia do Congresso do ANDES-SN. “As discussões têm avançado e qualificado os docentes, É essa a avaliação que a gente faz do processo. As últimas plenárias, quando discutiremos a fusão da Conlutas e Intersindical, prometem. Estamos na expectativa”, declarou Bronosky.

**55o CONAD do ANDES-SN, em Fortaleza (CE), DE 24 A 27 de JUNHO**  
**ERRAMOS: O próximo CONAD do ANDES-SN será realizado em JUNHO, e não em julho como anunciado na edição de número 4 do InformAndes, de 30/1/2010.**

## MEMÓRIA

# Congressos ratificam luta pela democracia

O Congresso Nacional do ANDES-SN é o mais importante evento de mobilização da categoria., sendo a principal instância deliberativa da entidade. Cumpre a função, de forma comparativa, das assembléias gerais das seções sindicais para oficialização de decisões políticas e administrativas. A outra instância deliberativa do Sindicato Nacional é o CONAD (Conselho Administrativo), também realizado anualmente.

A história do ANDES-SN registra 29 congressos ordinários e três extraordinários. Pelos temas abordados, é possível aferir as preocupações do sindicato com a conjuntura nacional, com o movimento docente, com a qualidade do ensino nas universidades públicas e com a defesa dos trabalhadores brasileiros

**1982** - O primeiro congresso foi em Florianópolis (SC), marcado pela aprovação do estatuto definitivo, em vigor até hoje e com pouquíssimas alterações. Houve o estabelecimento formal do programa de lutas e a eleição da primeira diretoria, presidida pelo professor Osvaldo de Oliveira Maciel.

**1983** - Realizado em Fortaleza (CE), o congresso teve como temas centrais a reestruturação da Universidade e campanha de ensino público e gratuito.

**1984** - Em seu terceiro ano de realização, em Piracicaba (SP), o ANDES abordou o tema verbas e financiamento do ensino superior.

**1985** - Vitória (ES) sediou a quarta edição do congresso, debatendo as "Perspectivas da Universidade Brasileira". Em 1986, Salvador (BA) recebeu o evento, sob o mesmo tema.

**1987** - No congresso em Goiânia (GO), foi discutido o "Financiamento da Universidade Brasileira".

**1988** - Juiz de Fora, em Minas Gerais, organizou o sétimo evento do ANDES, sobre Filiação a uma central sindical e Reestruturação da universidade. Na ocasião, foi aprovado apenas o indicativo de filiação do ANDES a uma central de trabalhadores, que só tomaria corpo no ano seguinte.

**1989** - No oitavo congresso, em São Paulo, o ANDES aprovou sua filiação à CUT, fazendo uma pequena mudança no seu estatuto. A Lei das Diretrizes e Bases e o sindicalismo nacional marcaram os debates. É fácil perceber que a filiação foi uma decisão política do congresso que, na época, parecia ser a mais certa. Difícil seria prever a mudança nos rumos da CUT, como se constatou

posteriormente.

**1990** - A nona edição ocorreu em Londrina (PR), abordando o novo governo federal instalado e o regime jurídico único. Os temas voltaram a ser debatidos em Curitiba (PR), em 1991.

**1992** - Cuiabá (MT) organizou o 10º Congresso, com a primeira abordagem sobre a carreira docente, assunto recorrente nos planos de luta do ANDES.

**1993** - "Preservar e ampliar as conquistas sociais" foi o tema do 12º Congresso, em Manaus (AM). Em 1994, foi discutida a mesma temática em Viçosa (MG).

**1995** - Brasília foi cenário do 14º ano do Congresso evidenciando a "Desprivatização do estado, educação e construção da cidadania".

**1996** - "Estão jogando o futuro no lixo: educação, trabalho e cidadania" foi o assunto em destaque no 15º Congresso, realizado em Santa Maria (RS).

**1997** - Em João Pessoa (PB) transcorreu o 16º Congresso - "Democracia, autonomia e defesa da universidade". A abordagem se repetiu no ano seguinte, durante o Congresso realizado em Porto Alegre (RS).

**1999** - Fortaleza sediou outra vez o Congresso do ANDES, desta vez o 18º cujo tema foi "Educação, Ciência e Humanidade".

**2000** - Juiz de Fora (MG) foi cenário do 19º Congresso que discutiu a "Autonomia para uma nova universidade". No ano seguinte, "Movimentos sociais e universidade: a mesma luta" marcou a nova edição do evento no Rio de Janeiro (RJ).

**2002** - Na sua 21ª realização, o Congresso do ANDES voltou aos pampas gaúchos, em Rio Grande (RS), debatendo o "Projeto histórico e educação: a luta do sindicalismo classista".

**2003** - O 22º Congresso, em Teresina (PI), focalizou a "Transformação social e políticas de educação, ciência e tecnologia". Em 2004, em Salvador (BA), as discussões foram em torno da reforma da educação, privatização e arrocho salarial.

**2005** - O 24º Congresso, em Curitiba (PR), tratou da "Utilidade e independência da classe trabalhadora; direitos sociais e projetos de emancipação". O ANDES desfilou-se da CUT, percebendo que a central transformou-se em entidade pelega e atrelada aos pressupostos populistas e eleitoreiros do governo Lula.

**2006** - Cuiabá (MT) sediou o 25º Congresso, com o tema "Financiamento público: garantia de direitos sociais e de democracia".

**2007** - O 26º Congresso ocorreu em Campina Grande (PB), com o tema "Reconstruindo a unidade dos trabalhadores para enfrentar as velhas reformas do novo governo". O ANDES filiou-se à Coordenação Nacional de Lutas - Conlutas.

**2008** - Outra vez em Goiânia, o ANDES debateu os "Avanços na luta em defesa da universidade pública e dos direitos dos docentes".

**2009** - O 28º Congresso, reuniu delegados, observadores e convidados em Pelotas (RS), sob o tema "Resistir e avançar na defesa do Andes, da universidade pública e dos direitos dos trabalhadores".

## ALMA CABANA

# Povo paraense honra a tradição de não fugir à luta

A moradia simples da população rural deu origem ao nome de uma das principais revoluções do país, a Cabanagem (1835-1840), ocorrida no Pará, no Século XIX. Foi a primeira vez na história que o povo chegou ao poder.

Negros, índios e mestiços se organizaram contra o poder central, por mais participação e a contra a miséria.

Eduardo Angelim, os irmãos Vinagre e Clemente Malcher estão entre os dirigentes da insurreição. O movimento foi brutalmente sufocado, onde cerca de 40% da população foi executada.

Uma obra de Niemeyer na entrada de Belém homenageia a revolução. Mas não é só o monumento que revive o espírito cabano do paraense, um povo com muita tradição de luta.



Espoliado em fazendas que reproduzem condições de vida análogas à escravidão, assassinado quando luta pela terra ou por condições de subsistência sustentável na floresta, ou mesmo maltratado pelo calor na labuta do dia-a-dia da metrópole, o paraense se mantém firme e forte nas suas lutas diversas.

## AGENDA DE LUTA

### Movimento Xingu Vivo faz vigília contra Usina de Belo Monte na quinta

O Comitê Metropolitano Xingu Vivo Sempre promoverá, no dia 4 de fevereiro, em Belém, uma vigília contra a licença prévia da construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. A manifestação reunirá representantes de entidades contrárias ao projeto, o qual terá fortes impactos sociais às comunidades residentes na Região Xingu, localizada na área central do Estado do Pará. A concentração da vigília será às 18 horas, na Praça Santuário de Nazaré, seguindo em caminhada até a sede do Ibama, no bairro de Nazaré.

A manifestação é uma das respostas dada pelo Movimento Xingu Vivo à ameaça de publicação no dia 1º de fevereiro no Diário Oficial da União da liberação das obras da UHE pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Caso o projeto seja implementado, mais de 20 mil pessoas serão

retiradas de forma violenta de suas casas; 100 mil pessoas migrarão para a região em busca do sonho do emprego que não será gerado para todos. Quase 80% da energia produzida pela nova UHE será destinada às regiões Sul e Sudeste e o restante servirá para sustentar as máquinas de grandes empresas atreladas ao Capital Internacional: Vale do Rio Doce e Alcoa.

Estima-se que a nova usina causará impactos ambientais terríveis com a destruição da biodiversidade de pelo menos 13 municípios paraenses que poderão sumir do mapa. O Movimento Xingu Vivo é solidário também aos funcionários do IBAMA que estão sofrendo pressões por parte da alta cúpula do Governo Federal para aprovar o projeto de Belo Monte. Para mais informações sobre o Movimento Xingu Vivo, acesse o endereço

[www.xingu-vivo.blogspot.com](http://www.xingu-vivo.blogspot.com).

## LUÍS LOPES

# Por quem os sinos dobram

Em janeiro de 2008, durante o 27º Congresso do ANDES-SN, realizado em Goiânia (GO), o coordenador da Liga dos Camponeses Pobres do Pará, Luís Lopes, tomou o microfone para denunciar a política de repressão aos movimentos sociais do Pará, levada a cabo pelos latifundiários da região com o respaldo do governo Ana Júlia, que estava resultando em ameaças e, pior, no assassinatos em massa de muitos trabalhadores sem-terra da região, principalmente de suas lideranças.

No dia 15 junho de 2009, ele foi encontrado morto, com dois tiros na cabeça, o que caracteriza um típico crime de execução. Os indícios apontam que o assassinato ocorreu nas proximidades da Fazenda Batente, numa região próxima ao município de Conceição do Araguaia, sul do Pará.

Em 2007, Luis Lopes foi um dos grandes mobilizadores para a tomada da Fazenda Forkilha, um dos grandes símbolos do latifúndio naquela região. Na ocasião, o movimento foi duramente reprimido pelo Governo Ana Júlia Carepa durante a operação "Paz no Campo". Além do terror praticado pelos militares, os camponeses foram alvos de ameaças e tentativas de intimidação por parte dos latifundiários.

## MUNDO DAS ÁGUAS

# Riqueza da Amazônia paraense acirra disputa por diferentes modelos de desenvolvimento

O Brasil é o país que concentra a maior parcela da principal floresta tropical do mundo, a Amazônia. Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela são os demais países onde incide a floresta. Do território nacional cerca de 60% é constituído pela Amazônia Legal (Acre, Amapá, Amazonas, oeste do Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins), com uma população estimada em 20 milhões de pessoas.

A floresta é um mundo de gente, olhares, saberes, cores, cheiro e histórias. A abundância de recursos florestais, minerais e hídricos a torna alvo dos mais diferentes interesses em variadas dimensões: econômicas, sociais, políticas e ambientais. O direito à propriedade privada sobre a terra tem se sobreposto à posse ancestral.

As Amazônia do Brasil são várias. Nesse vasto mundo o Pará é o segundo estado em extensão territorial. Há áreas de colonização mais recentes, como o sudeste; e as de colonização mais antiga, tais como a Bragantina e o Baixo Tocantins, inseridas na mesorregião Nordeste, além da fronteira em disputa, caso do sudoeste do estado. No sudeste do Pará a disputa pela terra ainda é aguda. Já na Bragantina e no Baixo Tocantins o quadro é considerado bem definido. O contrário ocorre a sudoeste que tem se constituído em

cenário de deslocamento da violência contra camponeses e seus pares, antes concentrada a sudeste do estado.

O rio inunda a vida dessas gentes de realidades ímpares. O rio as distancia e aproxima, alimenta e é espaço de lazer, contemplação poética e quintal de lendas: lara, Boto, Boiúna e sabe-se lá quantas outras. O rio é a vida e às vezes a morte dessa população. Numa parte do ano ele invade ruas, casas, roças e pastos, chegando, em algumas regiões, a causar danos materiais. Noutra época do ano recua e forma praias. Nas regiões marcadas pela realidade do estuário, caso do Baixo Tocantins, a oscilação de seis em seis horas dos rios condiciona a vida da população. O pôr do sol é uma pintura.

No mundo de rios da Amazônia do Brasil pretende-se erguer um outro mundo, o do concreto, para geração de energia. Os planos do Governo Federal já realizaram isso no caudaloso rio Tocantins, e continuam a fazer. Assim, também agendam o mesmo rumo para o rio Xingu, o rio Tapajós, o rio Araguaia e o rio Madeira. Energia para quem? Eis a pergunta que se encontra no ar.

No caldeirão dos povos da Amazônia há índios, negros e mestiços. Nativos e os que para cá vieram em busca de dias melhores: migrantes internos, com ênfase nordestina e gente de terras mais distantes, caso de europeus e asiáticos.

Eles podem ser encontrados em terra firme, várzea ou ilhas. A Amazônia é uma aventura? Um tanto dessa gente veio em busca de riqueza "mágica" nos garimpos, outro tanto atraída pelo sonho de emprego nos grandes projetos de mineração, ferrovia, siderurgia e barragens. Hoje engrossam a constelação das faces dessa terra.

Quando se investiga a colonização recente marcada pela implantação de grandes projetos, o quadro social destoa da beleza do pôr do sol. Subempregados, alguns empregados em ocupações secundárias, muitos escravizados em fazendas e carvoarias, ao lado da destruição da floresta, poluição dos rios, redução do pescado constituem o quadro da realidade social e ambiental.

Uma parte dessa gente da Amazônia do Pará encontrou um rumo na vida na agricultura familiar. Uma espécie de retorno às origens. Alguns estão na direção das organizações de representação camponesas e outra parcela sentou o passo em projetos de assentamentos rurais ou ainda disputa um pedaço de terra. Muitos (as) foram mortos (as) na disputa pela terra. E existe uma boa parcela no trecho (estrada) com as borocas (mochilas) nas costas em busca de um canto para viver.

A terra e os recursos nela existentes na Amazônia animam um conjunto de interesses e disputas de infinitas redes econômicas, sociais e políticas, em escalas regionais, nacionais e internacionais que conectam a Região Amazônica ao resto do planeta, o que põe em cena a disputa pelo modelo de desenvolvimento. Dias melhores virão?

